ANO 3.º — LISBOA—SABADO, 7 DE JULHO DE 1923 — N.º 691

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS — Administrador e Editor MANZONI DE SEQUEIRA — Tel.: 3194 e 3196-C.—Red. Telg. LISBOA
DIRECTOR JOAQUIM MANSO — SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA — Redacção, administração e officinas RUA LUZ SORIANO, 48 — Impressão: Rua de Sancto, 43

UMA PERDA NACIONAL

GUERRA JUNQUEIRO
MORREU ESTA MADRUGADA

O ocaso de um grande genio que encheu de gloria o nome português

A morte de Guerra Junqueiro! Parece que se fez noite nas almas, e que todos nós estamos sob a pressão esmagadora de um pesadelo, vendo prostrado sem vida esse arcabouço de gigante que era, na colossal grandeza do seu vulto, toda a gloria de uma Patria e todo o orgulho de uma raça. Bagnoso o ultimo dos «Vencidos da vida!» reflexo para sempre esse cerebro de privilegio que foi o mais portentoso genio de seu tempo; que foi toda a magia da beleza na maravilha dum verso, e que foi toda a formosura do espirito na sublimidade dum pensamento.

Ninguem, como ele, elevou mais alto, em lingua portuguesa, essa aurea de perfeição que nos aproxima de Deus; como ninguem soube, sinto, imortalisar em rejeiões mais impetuosas de ritmo, de vibração e de côr, essa ideia de infinito que atravessa a consciencia humana desde o além longinquo da criação até á sobrenatural transformadora do tumulo.

Pode que a sua constituição mental tenha sido fazes discutiveis no campo ardido da Politica; pode que o seu culto nem sempre tenha servido a dissolventes ideias—e eternamente se entrechocar das crenças a separar os homens na disputa inutil dos principios—mas Junqueiro foi sempre grande. Bradirnando os sectarismos intransigentes da «Velhice do Padre Eterno», ou chicoteando a indigencia formidavel do «Finis Patriæ», ou satirisando a decantavella annual da «Morte de D. João», ou pontificando-se no humilimo caimo dos «Simplices», ou terroisando Nun'Alvares com torcidos incendiarios da «Patria», Junqueiro foi sempre grande, foi sempre genio, foi sempre a Arte superiorisada em versos que não esquecem mais.

Não é esta a hora de criticar a sua obra; porque só a dor ingente que tal perda nos causa deve ser, para todos os portuguezes, sem te momento lutuoso, a preocupação das nossas almas. Mas, se alguem se atrevesse, apesar de tudo, a discutir, em face desse cadaver, que é já agora uma reliquia da Patria, o merito de poeta que é, d'ourivesia, uma soberba conformação, bastaria lembrar que nunca adversario algum, defrontando-o no campo das ideias, ousou arguir-lhe grandeza, na forçorioidora do pensamento, no lampejar deslumbrador da sua arte.

Planeta, pedra, insecto, humanidade, luma,
Serão tudo, tudo!... inconcebivel!... Sempre!

Mas a alma, as almas, quem as ha criado?
Qual a origem d'onde a sua essencia emana?...
Ah, ser tão brando o triste olhar magoado
Para os olhos d'oiro que do azul negrejo
Lançam as estrelas á miseria humana!...

Mas..., não exemplifiquemos or... porque toda a obra do poeta é um ascendero de arte. Quem lhe diria a ele, ao genio que tanto sentiu, que a sua morte havia de acrobatal-o pelo cismento como a anciou um dia quando escreveu:

Rosa cuo rosario, santa lacrimosa!
Sobre os teus joelhos deixo-me deitar!
Triste da mãi'alma!... vê, que desfilosa!...
Unge-m'a de bençãos, não religiosa!...
Cahre-m'a de graça, cristalisa: olhar!...
Rosa-lha baixinho, minha boa amiga!
Rosa-lha rosarios de orações ideaes!
Morta da miseria, morta de fadiga.
Deixa que ela durma na pureza antiga...
Que ela durma... sonhe... e não acorde nunca!...

* * *

Foi assim que morreu o poeta. Lacrimoso, mal o dia se poz a fenecer, silvo, o sol que tanto o embriagara de luz pela vida fora, e, vendo a sua face, vigilante como uma estatua de sagrado, a sauta velhinha com fé e seu anjeo e que partilhara com ele todas as dores e todas as alegrias da existencia, fechou as ultimas recommendações. Funeral singelo; tão simples como a sua vida fôra. Religiosos mas sem ostentações, sem pompas, sem cousa alguma que denotasse uma preocupação de sua alma com as vaugloriosas miserias do mundo:

Deixa que ele durma na pureza antiga...
Que ele durma... sonhe... e não acorde nunca!...

E dormiu... e sonhou... E não acordou mais... Porque foi sonhando que se evolou para a Eternidade aquela alma de eleição que bateu por si só para encher de gloria toda a contemporaneidade portuguesa e para enobrecer e valimento raças não só de uma geração mas de uma raça inteira!

Guerra Junqueiro

O espirito de Guerra Junqueiro dardejou raios de luz que, nem a distancia nem o tempo podem vencer; o seu verbo foi o acume da harmonia e a dignificação da palavra; as suas obra, á, toda ela, um monumento de belleza, erguido em Portugal á maior gloria da inteligencia humana.

Quem cantou, jamais, com tanta ternura como ele, as noites de inversia, que fizeram fulgurantes assim, no *fra pairea* de Os Simplices?

Oh, que noite negra, que inverna bravo!
Nem uma estrellinha pelo ceu reluz!
Chora o vento ao longe com a voz tão cava,
Como quando dizem que de dôr chorava
Toda a santa noite em que espirou Jesus!...

Vêm sanguisolentos gritos morbendos
Das soturnidades torvas do horisonte!
E nos ermos andam lobos vagabundos...
Jo na rios cheios, com brumidos fundos...
Nem chiarlo fagas vão de mar a monte!...

E o enigma da vida? Quem soube alguma vez sondal-o e dirl-o como ele o sentiu e a dizer nestes versos formosissimos?

Sempre, sempre, sempre, cinza, fumo e chama
Viverão, morrendo a toda a hora... sempre!
Nuvem que troveja, calix que embalsama,

ANO 3.º — LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1923 — N.º 692

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS — Administrador e Editor MANZONI DE SEQUEIRA — Tel.: 3194 e 3196-C.—Red. Telg. LISBOA
DIRECTOR JOAQUIM MANSO — SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA — Redacção, administração e officinas RUA LUZ SORIANO, 48 — Impressão: Rua de Sancto, 43

JUNQUEIRO

O autor de *Os Simples* atravessou a vida, em busca daVerdade e da Justiça.

A Beleza era o seu guia, o seu oraculo.

Que representa a sua obra como adquisição definitiva dessa consciencia liberta?

Apesar do muito que se tem tem dito e escrito, esta pregunta fica ainda sem resposta

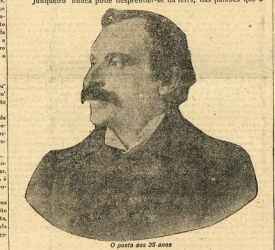
Estamos numa epoca em que os poetas—os que interrogam o universo e visionam profeticamente a vida—são agonisados pela duvida como os canavisis. Talvez os seus olhos, num ou noutro momento de inspiração, vejam o que, por detrás do horisonte, se esconde aos nossos cuidados e ás nossas pesquisas.

Essa adivinhação, porém, é rapida como um relampago.

Quando eles nos querem communicar os deslumbramentos do seu sonho, sentem-se sem o fulgur necessario para isso.

Junqueiro, bem na intimidade dos seus colloquios, afastava-se da terra, buscando sempre aproximar-se do Infinito.

Naigma dos seus versos, ha uma palpitação tão pouco terrena que julgamos que por eles passou um sopro divino. Simples miragem. Junqueiro nunca póde desprender-se da terra, das paixões que a



O poeta aos 35 anos

agitam, dos sofrimentos que a retalham e das alegrias ferozes que gerram a ironia e o sarcasmo. O seu pensamento valia para certificar-se de que o homem não é um prisioneiro da materia...

Que descobria ele nas suas romagens de contemplativo?

A sua boca ficou muda a tal respeito.

Em *Os Simples* ele quiz fazer-se humilde e rasteiro, revestindo-se da samarra dos pastores.

Baixou-se para as coisas e nestas ouviu gemer a dôr — a mesma que ele conhecia já do seu proprio coração. O cavador pareceu-lhe um condemado. O ceu a cupula inclemente dum inferno. E o livro feche-lo dentado como um deserto, sem uma esperança para as que só na fé se desilteram.

Junqueiro, como todos os que não podem aceitar como definitivas as criações do seu genio, depois de escritos *Os Simples* e *A Patria*, entrou a fundo no drama do seu destino.

O blasfemo que chegou a convencer-se de que, com as suas rimas, podia impunemente romper o misterio que envolve os mundos, empallideceu, ao achar-se tão pobre e tão só, perante o frio da morte.

«Estará Deus no meu ser ou serei eu quem tenha de o procurar, purificando-me de todas as humanas impurezas?»—indagou ele.

Em todas as almas, ha ansiedades que nos erguem mais alto que o vôo dos condôres.

Foi, porventura, assim que Junqueiro partiu para Deus, não sendo o seu passamento mais que a continuação dum acto de amor?

D'um artigo «O Sacré-Coeur»:

«Negar o cristianismo inglês, pois, uma loucura monstruosa: negar Deus. Muitos o negam verbalmente, e a ele se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam intimos de Deus, sem de longe o vislumbrem, porque a todo o momento o estão negando nos seus actos, embora o afirmem nas palavras, loucos umas vezes, outras vezes hipocritas.

Deus é a infinita expressão, porque é Amor infinito, sentindo e vencendo a infinita côr. Os mais amorosos são os que mais se lhe discernem, e os mais egoistas, os mais alastrados e os mais tupios.

* * *

Eu tenho sido, devo declarallo, muito injusto com a Egreja. «A Velhice do Padre Eterno» é uma livre da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Atacaviece e difina o o seu espirito critico, mas cheio ainda dum racionalismo desvairador, um rancinctismo de ignorancia, estreito e superficial. Contenda bolas coisas, é um livro mau, e muitos vezes abominavel. Ha ne grandioso historia de catholicismo paginas de pavor, mas a Egreja com os Evangelhos evidentemente e talvez o mundo. No catholicismo existem absurdos, mas no coração da sua doutrina resplandecem verdades fundamentaes, verdades eternas, as verdades de Deus. A força moral do catholicismo é boje immen, não pode negar-se.

* * *

Junqueiro deixou no Porto um testamento inteiramente particular. O seu passado, com o seu genio, o sr. dr. Mesquita de Carvalho, termina-o em cabeça dum grande poema.

O espolio literario do autor *da Patria* é sagrado. E' cuidadosamente que a familia do extinto o vai estudar, porque a letra de Junqueiro é difficima de comprender.

* * *

O Sr. Presidente da Republica, ouvira ao sr. dr. Mesquita de Carvalho o seguinte telegrama:

«Se os funerais forem no mesmo dosta semana como V. Ex.ª me comunica terei grandissimo pesar de não assistir a elles, porque só encontro da casa, em estado que é consideravão sendo grave, muito melindroso».

* * *

A *REPUBLICA* dos Apostolos de Coimbra enviou á familia de Junqueiro, este curioso telegrama:

«Despertaram hoje mais negras as nossas cinzas e de luto surgiram as nossas cerejeiras. Portugal chora comnosco um dos seus maiores filhos».

* * *

O SR. dr. Tadeia Coelho convida os transmontanos hontem do distrito de Vila Real come de Bragança, avelarem hoje o cadaver do mais eminente dos seus compatriotas.

* * *

O CORPO de Junqueiro foge que saia da Estrela, será exposto no atrio da Camara Municipal ao no Parlamento.

* * *

O CADAVER de Guerra Junqueiro ficará para sempre nos Jeronimos ao lado de Garrett e Herculano.

D'um artigo «Le Journal»:

«Ha bellas coisas na Poesia e na Arte. Ha bellas coisas em Deus. Mas a mais bella de todas as coisas é a Verdade. Ha bellas coisas em Deus. Mas a mais bella de todas as coisas é a Justiça.

D'um artigo «Raul Brandão»:

«Como o fogo devorador disvela o sonhado, há labaredas ignotas que desorcinam as almas. E' ter tais almas ao desabrochar, a natureza demora-se no. O lavrare é um resumo ideal da natureza. Anceio o infinito e lembra-o; andavi o infinito e já o sonha.

Quando o genio cegher sorte-nos a natureza a sua historia. O genio supremo é o santo. O verbo santo, eis a lingua clara do Universo».

«Que é a Vida?»

A vida é o mal. A expressão ultima da vida terrestre é a vida humana, e a vida ainda se vama batalha incessavel de apetites, num tumulto desordenado de egoismos, que se entrechocam, rasgam, dilaceram. O Progresso, marcou a distancia que vai do salto de tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilometros. A fera, o dez passos, perturba-nos. O homem a quatro legoas, evolve nos de terror. O homem é a fera dilatada.

D'um artigo «Justino de Montalvor»:

«Na almar da maioria dos homens grandeza ainda, baixo e verme, o focinho do porco. O mundo é uma sala de jantar e um quarto de cama.

Diante do milagre das coisas, diante de fige, do facto ou de severo, perguntam aqueles: Quanto vende? Atravessam a vida, buscando ciro. Outros buscam a fé. Outros, sciencia.

* * *

«Ma na minha igreja e no mes templo todo o universo está rezando. Reza a luz, o ar, a pedra, a agua, o labio, a fôr. A natureza é um vercio ascendente, uma oração a Deus evolution.

Marmorio bruto na montanha, airoba as rosa, cantico em Apolo, idealidade—explica os Jesus. A oração de Jesus é a mais alta, porque é o hino de Amôr cantado pelo Dôr, a bella infinita, humida de sangue, ecorrendo lagrimas.»

D'um artigo «Os grandes homens»:

«O grande artista não ignala o santo nas aproximas dele.

O artista, creando belera cria amor, porque a belera é a expressão ritmica de Bem, é o amor a cantar, na forma e no ser, no verbo e na luz.

A arte idealiza; portanto gera amor. O heroe tambem. Mas o heroe dá-nos o amor em acções, concretiza-o em pleo espiritual, que vae dividindo pela terra.»

D'um artigo «A Festa de Camões»:

«Os poetas da minha terra, que debaixo do nevo ou lar arfeito, elevem nos o anelo e com a ternura os salmos dos visthos e dos tristes, apenas o sol de Deus chega ao zenite e vai em meio o dia de côr e de canceira, param o trabalho, erguem-se e descobrem-se, e nessa attitude inerel de oração, fazendo religiosamente o signal da cruz, entoam com voz profunda estas palavras: Louvado seja sempre Nosso Senhor Jesus Cristo!»

ANO 3.º — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1923 — N.º 693

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS — Administrador e Editor MANZONI DE SEQUEIRA — Tel.: 3194 e 3196-C.—Red. Telg. LISBOA
DIRECTOR JOAQUIM MANSO — SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA — Redacção, administração e officinas RUA LUZ SORIANO, 48 — Impressão: Rua de Sancto, 43

UM VENCIDO... DA MORTE?

Os jornais referem-se á dimlenta consternação de amigos e admiradores, junto da cya sobre que repousam os restos mortaes de Junqueiro ...

O grande poeta que agitou as turbas, levando-as atraz de si na admiração do seu verbo fulvo, dramatico, heroico e epico, encontra-se agora fio cá, como as ele fosse um descobenido, na sua propria terra.

Que indifferença é esta?

Que preoccupações serão dominam uma sociedade que se corrompe e mercantilisa, promiscuo e espirito com um simples preto de dezoito?

E' inconcebivel que o tradicionalismo tam modelado os nossos costumes, de maneira a fazer ajoelhar a compra e venda cemo o acto supremo duma degradação que cantou a nossa miseria.

Não ha, de facto, de pore que tem lagrimas sinceras e gritos de dor, quando um dos seus filhos, de alto engenho ou longo forte, se desprende das fezes da vida terrena?

Junqueiro não pertence ao numero dos poetas cuja mesa ri cantos amores ou selagos de rosas magoas.

Entrou nas ruelas palejas do nosso tempo.

Tal attitude crisou-lhe muitos odios.

Não estas que agora, tervantente, pregam a guerra contra ele, fazendo a selectagem do seu nome, da sua obra e da sua tumula?

Não cremos que hajo alguem capaz de tão feia como cowarde acção.

Se nos custa perdoar a todos os seus insultos, ao silencio de sua alma, redimindo-se perante Deus.

Quais os homens que se julgam tão fortes ao seu nascer, a ponto de não reconhecem a clemencia divina?

Se alguns existem, outro não, que se acpultem na sua propria treva.

Para Junqueiro devem dirigir-se as escolas, as academias, a arte, a literatura, a sciencia, o jornalismo, o trabalho, a gente sincera e honesta, os que creem na dignidade da inteligencia e na sua esforço para nos libertar do preconceito erro.

Se porventura vivam a dar-se o estupendo caso de ele não receber em torno de si, na hora agonica das derradeiras homenagens, todos os que em Portugal meditam e respeitam nos verdadeiros homens, a nossa Patria constatará um grave digno de eterno vituperio.

OS VENCIDOS DA VIDA

Da pé, da esquerda para a direita: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Carlos Lobo de Avila, Oliveira Martins, Marquês de Soveral, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.
Sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e Antonio Candido

ENTRE os artistas que o governo vai contratar para organisar o cortejo funebre que acompanhará até aos Jeronimos os restos mortaes de Guerra Junqueiro, contam-se os srs. Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira Lopes, Francisco de Lacerda e Viana do Mola.

A *Filarmonica*, dirigida por Francisco de Lacerda, executará em Belem, algumas marchas funebres.

* * *

TODA a redacção do *Diario de Lisboa*, com o seu director, e representantes do seu caro«e Typographico e da sua acção administrativa irão immahã ás 21 horas, á Basilica da Estrella, a fim de prestarem as suas homenagens de respeito e saudade á memoria veneranda do ultimino poeta que foi Guerra Junqueiro.

* * *

O ILUSTRE academico Henrique Lopes de Mendonça publicou, num elegante folheto, a oração de parte literaria de Julio Dantas, actual presidente da Academia das Sciencias e que agora, no Brasil, anda fazendo conferencias, escutadas pela fina flor da gente brasileira.

* * *

ONTEM, ao combojo da Beira Baixa, vindo da Guarda, seguiam viagem até ao Fundão o Bispo da diocese, comprehendido de almas particulares e muitos cenegos e sacerdotes, que ao dirigiam para os exercicios espirituais.

No Fundão, junto a enorme correnteza, e em substituição do torrente d'homens vindos antes, que ao aparato, estiveram os srs. dr. Germano Martins Arthur Costa e outros vultos politicos da occasião. No logar do Pardo estiveram juntamente o ex-ministro da Justiça, que vinha de um acto oficial, relativo a Congregação, e que se realisára no antigo Collegio de S. Fiel.

Na gare Sua Excellencia Reverendissima e o dr. Abranches Ferrão tiveram uma conferencia, enquanto os muitos cavalheiros e os muitos influentes politicos democraticos, conchegados-se, delxavam ali uma nota ingenuidade de tolerancia religiosa.

* * *

LUÍS Araquistain, ao *diario de Madrid—El Sol*, refere-se a João de Barros, como sendo um dos escritores portuguezes que mais tem defendido e pregado do lusitanismo e a sua missão atlantica—«o mar» da para a Africa e para a America.

ANO 3.º — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 1923 — N.º 696

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS — Administrador e Editor MANZONI DE SEQUEIRA — Tel.: 3194 e 3196-C.—Red. Telg. LISBOA
DIRECTOR JOAQUIM MANSO — SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA — Redacção, administração e officinas RUA LUZ SORIANO, 48 — Impressão: Rua de Sancto, 43

?

—Que ha?».

Esta pregunta pertence geralmente á categoria das que nos lancamos distraidamente ao primeiro amigo que encontramos na rua, logo de manhã.

E uma especie de aperitivo para desemperrar as linguas.

Dois minutos de conversa encerram, ás vezes, revelações sensacionais.

Num encontro de café ou num repousado cavaco de gabinete, dizem-se coisas que nem sempre são verdadeiras, mas que ajudam a descobrir a verdade.

Nos ultimos dias, Lisboa tem vivido na febre dos boatos que saem das bocas palreiras para se acolherem aos ouvidos curiosos e gulosos.

As pessoas que tanto adoram não interrompem a sua tarefa de informarem as que tudo ignoram.

Quando estas preguntam:

—Que ha?»—logo aquelas despejam o seu saco de noticias, com o saboreado prazer de envenenarem uma curiosidade impudente.

—Temos revolução para breve com assaltos, morticinios, conflictos e perseguições de toda a ordem.

Sei isto de fonte segura, porque no disse alguem que faz politica por conta do governo para servir os revolucionarios e tambem as avessas.

E' um rapaz serio que tem entrado em todos os movimentos, sem comprometer o seu nome.

Hoje vive bem, tem dinheiro, uma situação, mas não desiste de ser capaz, porque deseja servir o pais, auxiliando ao mesmo tempo a ordem e a desordem».

Apenas conta na Baixa que *a coisa está para breve*, o boato espalha-se pela cidade e vai trepando, zumbidor como uma vespa, quando não tagarela como um chocalho, por todos os andares dos predios onde os velhos se alimentam de saudades e de sinapismos.

De janela para janela, de porta para porta e de travesseiro para travesseiro, aborda-se o grande assunto.

Alta horas da noite, os sonos rompem-se, porque o ronco das sirenes dos automoveis, que correm vertiginosos, aparece ás imaginações perturbadas, como pregões de batalha.

Ha nuvens frios e impetos militares no peito de majores decrepitos.

A luz do sol porém, vem dissipar terrores e pesadelos.

Apenas a sua acção benefica, volta a confiança aos espiritos até á hora do almoço. Depois, recomeça a aranha dos boatos a sua teia.

Como exemplo duma actividade que nada cria, nem faz proveito, não conhecemos exemplo mais edificante. A vida dum povo consome-se nesta safra, reduzindo a pó a confiança, a energia dos peitos fortes e a credulidade ingenua dos creanças simples.

GUERRA JUNQUEIRO

INAUGUROU-SE ontem uma feira de beneficencia nas terras do Parque Eduardo VII sob a egide do sr. governador civil. Gentilmente, o sr. Viriato Lobo, convidou o *Diario de Lisboa* a concorrer á feira. Calo lá o poder de sondo. As barracas esperalhavam de gente. Fazilavam-se bonecos de sabugo. Realejos tocavam arias melancolicas. No meio da maior ensinação, ás pelo 1 hora da noite, piquetes de policia, estram subitamente no recinto da feira, obrigam as pessoas a sair das barracas e quiosques bruscamente, sem tem sem geuvia, revistam-nas, insultam-nas, e fazem um verdadeiro circo á Praça de Marquês de Pombal.

Este vexame policial feito á população de Lisboa, que tinha sido convidada pelo sr. governador civil, foi vivamente reprobado por todos aqueles que dele foram vitimas.

Não se compreende a atitude da policia, e menos ainda a de sr. governador civil, contendo semelhante desacato, contra todas as leis da cortesia.

Estamos certos que o caso se não voltará a repetir, para que se não diga que a desordem é feita por aqueles que devem manter a ordem.

* * *

OS deputados srs. dr. Antonio Dias, Moura Pinto e Paulo Measno, entregaram ao sr. ministro do Comercio uma representação da camara municipal de Cova da Piedade a construção das estradas que ligam as povoações de Cabeção e Cadaval com a séde do concelho.

* * *

O PINTOR Columbano e o maestro Lacerda estiveram ontem nos Jeronimos preparando a sobria decoração para a solemne cerimonia da entrada solene de Junqueiro no templo-panteon. Como se sabe, não haverá discursos nem orações sagradas. Para celebrar a grandeza do Poeta morto apenas se elevará a voz espiritualisadora, profunda e mistica de Beethoven.

* * *

O MINISTERIO da Instrucção exonerou da Justiça um pedido do inspector do circulo escolar de Pinhel, no sentido de se evitar, por informação do competente auto-ridade judicial, que o proprietario das casas onde estão instaladas as escolas de Figueira de Castelo Rodrigo, faça o despejo das mesmas casas, como pretendia, com o fundamento de não haver arrendamento.

* * *

A MAGNIFICA regentes do maestro Francisco de Lacerda toma parte nos futerria de Guerra Junqueiro executando as obra do Mestre dos Jeronimos, durante a cerimonia religiosa, o celebre «Adagio da *Sinfonia Heroica* de Beethoven, a mais eloquente das orações funebres.

* * *

A EMPRESA Literaria Fluminense põe á venda a 8.º milhar *Cronicas Inocentes* de Alfredo Forjaz de Sampaio.

Vai tambem lançar no mercado um livro de inedites de Latino Coelho, intitulado *Arte e Natureza* com um prefacio de Henrique Lopes de Mendonça.

* * *

O SR. ministro da Marinha visita por estes dias as obras do novo arsenal no Alfeite.

ANO 3.º — LISBOA—SABADO, 14 DE JULHO DE 1923 — N.º 697

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS — Administrador e Editor MANZONI DE SEQUEIRA — Tel.: 3194 e 3196-C.—Red. Telg. LISBOA
DIRECTOR JOAQUIM MANSO — SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA — Redacção, administração e officinas RUA LUZ SORIANO, 48 — Impressão: Rua de Sancto, 43

Junqueiro fica hoje nos Jeronimos, Panteon improvisado numa nave com cinco seculos, ao lado de João de Deus e de Garrett, pertinho de Herculano e de Camões, sob as abobadas que ouviram o sonho da India e conheceram todas as epopeias da Patria.

Que todos os homens que têm filhos pequenos lhes ensinem a começar de hoje a ler e a respeitar o nome dêsse português que acreditou em Deus e na Patria, no Amôr e na Beleza, e morreu serenamente como um justo.

De toda a obra de Junqueiro recolhemos o trecho tão simples e tão belo do «Cristo Cigano de Judéa» e damo-lo aos nossos leitores que porventura o desconheçam, como uma das poucas mas perfeitas e mais descuidas e a um tempo mais profundas, da literatura portuguesa de todas as idades.

Que titulo augusto, que nome ideal para um vivente,—o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes da universo traduzem-se pelo som aos ritmos do canto. Cantar é divinisar o som. A vida inteira é harmonia inteira.

Quer os globulos do sangue, quer os blogulos astrais movem-se por musica.

Um sol é um orgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-na, a optica descreve-a, mas definil-a só o canto. O canto, matematica viva, ideia e revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destinal Ser o cantador, ser a voz da agua e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusorios e dos sons; das nebulosas e dos atomos! Cantar o ceu, o bojo, o olhar, a dor, a lagrimal Cantar o anagos imperioso, as sevras genesicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades criadoras! Cantar as formas e as essencias, numeros que dizem ideias, linhas que desenham espiritos! Cantar a marcha heroica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Golgotha de Séte, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidavel que é a natureza leva aos ombros! Cantar, emfim, o amor e a dôr, o drama religioso do universo. E o drama do universo cantá-lo ao universo inteiro, desde a cima da urze ao pé dos astros infinitos. Ser o Cantador! não ter outro nome. Quem és? O Cantador. Quem te criou? A vida inteira. Onde nasceste, onde morna?

Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o ultimo suspiro mandá-lo á vida imortal, ao seu ultimo canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setubal!

Tu fostes, na tua ignorancia, a alma lirica e luminosa dos desertados e dos simples. Fostes o eco ressoante das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto do cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monotono! Embora. A rair chupa ao lódo a flôr que nasce ao vergontea. Tu, do lódo da vida, extraiste a canção que é a flor em musica. Mas a flôr vem de ano a ano, e tu andas florido, que primavera! ha mais de meio seculo.

Es o Cantador! Es o Cantador! Por mais de meio seculo, ao ritmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e barcos: barcos levados nas esperanças e miserias, canpiços levando lagrimas e risos. E que são barcos senão harmonias flutuantes? Uns em aguas cristalinas deslizam como idolos, outros, como epopeias, sulcam vorageus e bonanças. Sob o esplendor de oceanos outonais, recordo-me de ver em baixa eramas, galeras melancolicas, a concha nimosa, os mastros nus e fugitivos, serenamente destacando, á luz ideal, as cordas leves e pueminmas. Não são navios, diria eu, são harpas bolando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e mincerres de luar...

Mas agora dou fé que, sem querer, estou cantando e não recebes o canto.

Falar-te-hei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, mas ignorante e ignorado. Cantador de Setubal. Os grandes poetas são os grandes homens e é grandes homens, os olhos de Deus, medes-se pela virtude, pela inocencia, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil de nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exalase: das tuas cantigas sem uivo, como um aroma delicioso dum matagal inculto, que nascen entre pedras. O vicio não te manchou, o crime não te desonrou. Cantadore com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericordia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lagrimas piedosas os tormentos do mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, miserias, iniquidades. Amaldiçoaste a sobeja, cuspiste no dolo e na tirania. Bondade ingenua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortais, á hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguem;
Se acaso fiz algum bem,
Não estou disso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoais;
Todos seremos iguais
No reino da eternidade:
Na balança da igualdade
Deus sabe quem pesa mais.

Sim. Na balança invisivel da igualdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas illustres, já consagrados pela historia. Maior do que eu és tu, sem duvida. Maior, porque és melhor. Tu fostes bom continuamente, e eu, querendo só-lo muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em ti a beleza unica, a beleza moral.

Cantador lumble, Cantador velhinho, em paga do meu afecto, manda-me de longe a tua benção.

1. Diário de Lisboa
Edições de 7 a 14 Jul. 1923

LISBOA — B L X — HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA